

O que é global e o que é local? Uma discussão teórica sobre globalização

JÉAN-SÉBASTIEN GUY

■ Esse artigo desenvolve um novo entendimento sociológico sobre a diferença entre o global e o local relacionado ao fenômeno da globalização. A globalização em si é redefinida como uma autodescrição da sociedade ao passo que, seguindo a teoria de Niklas Luhmann, a sociedade é concebida como um sistema cognitivo que pode apenas lidar com informação (sobre o mundo, sobre si mesma) por meio de sua forma de operações específica (comunicação), fazendo com que a globalização afete a sociedade somente quando a última se comunica sobre a anterior. Isso acontece efetivamente, argumenta-se, porque comunicações sobre a globalização transmitem um retrato do estado atual da sociedade, ou seja, uma descrição de uma sociedade dentro de uma sociedade, preenchendo, então, a necessidade de autoconhecimento do sistema. O valor global coincide, assim, com o conteúdo de uma autodescrição particular do que a globalização é, ao passo que o valor local corresponde ao conteúdo de todas as outras autodescrições conforme visto por uma perspectiva anterior. Global e local não são estruturas espaciais (níveis, escalas, lugares, distâncias, etc.), mas sim diferentes representações de espaço competindo umas contra as outras em um processo para determinar dentro da sociedade a realidade do que ela é. Na segunda parte deste artigo, as ideias de Roland Robertson sobre globalização serão reinterpretadas a fim de prover evidência para esse novo entendimento da diferença entre o global/local. Robertson distingue quatro imagens da ordem mundial as quais podem ser equivalentes a quatro autodescrições da sociedade. Globalização é precisamente uma delas. Contrastes entre imagens da ordem mundial conforme imaginadas por Robertson podem, então, iluminar o que o global e o local têm em comum e como eles divergem um em relação ao outro.

INTRODUÇÃO

Puisque l'univers n'existe qu'autant qu'il est pensé et puisqu'il n'est pensé totalement que par la société, il prend place en elle; il devient un élément de sa vie intérieure, et ainsi elle est elle-même le genre total en dehors duquel il n'existe rien.

— Emile Durkheim

■ Nesse artigo, discutirei os conceitos-gêmeos global e local. O ponto de disputa principal é composto de duas partes: (1) o global e o local são melhor entendidos como dois lados opostos de uma mesma distinção; (2) essa distinção é usada na comunicação como um código para gerar informação sobre a sociedade ou sobre o mundo. É desnecessário dizer que os termos “global” e “local” ajudam a descrever diversos objetos: símbolos, eventos, organizações, redes, fluxos, movimentos sociais, desigualdades, crises, identidades, etc. Considerando isso, a questão fundamental à qual busco responder é a seguinte: “Por que chamar um objetivo de global (ou local)?” ou mais precisamente: “O que acontece quando um objeto é considerado global (ou local)? Sugiro que os objetos ou itens ou fenômenos globais (movimentos sociais globais, desigualdades globais, crises globais, etc.) não são denominados globais pelo simples motivo de que “eles são de verdade”. Assim, quando falamos sobre o global e o local, os assuntos em questão foram enquadrados como epistemológicos. Além disso, uma epistemologia construtivista será promovida ao invés de uma epistemologia representativa. Assim, ao falarmos de conceitos dessa forma, espero desvelar uma nova realidade epistemológica em si.

Quando observamos a literatura existente sobre globalização nas ciências sociais, podemos identificar três definições correntes sobre o global e local. A primeira definição é formulada por George Modelski como o modelo de bolo em camadas¹. Global e local são tomados como equivalentes aos conceitos de inteiro e parte, respectivamente². Nesse sentido, o local é necessariamente contido no global. Na segunda definição, global e local se referem a formas opostas de integração. Essa definição tem sua expressão mais explícita na teoria da estruturação

1 George Modelski, *Principles of World Politics* (New York: Free press, 1972); Anthony McGrew and Paul Lewis, *Global Politics: Globalization and the Nation-State* (Cambridge: Polity Press, 1992)

2 Quando alguém alinha a distinção global/local com a distinção todo/parte, o bolo de camadas se torna uma torta!

de Anthony Giddens³. Por um lado, o local é delineado pela integração social, ou seja, a interação face-a-face ou a interação entre indivíduos presentes fisicamente e simultaneamente. Por outro lado, o global é uma função do sistema de integração ou interação entre indivíduos que se encontram longe uns dos outros no tempo ou no espaço ou em ambos. Nessa definição, como temos indivíduos como pontos de partida (em vez do mundo – ou seja, do conceito de totalidade – como na primeira definição), é o global que reaparece dentro do local na forma de influências distantes pressionando vidas pessoais e atividades diárias⁴. Na terceira definição, global e local são entendidos, basicamente, como tamanhos ou escalas específicas. Essencialmente, global significa grande e local, pequeno. Por exemplo, na literatura marxista (ou Neomarxista, ou Pós-marxista, ou Pseudomarxista), comumente são usados os termos capitalismo global, corporações globais e hegemonia global em oposição à resistência local, comunidades locais e solidariedade local. Como tamanhos e escalas, global e local não têm nenhuma conexão especial pré-determinada com o plano conceitual. A relação entre os dois depende da relação entre atores concretos ou cenários ou conjunturas caracterizadas por eles. Mais precisamente, o global seria como uma rainha em um jogo de xadrez e o local, o rei. O global/a rainha é capaz de grandes movimentos pelo tabuleiro ao passo que o local/o rei só pode ser movido uma casa por vez. Tanto o global e o local podem ser vistos como peças de xadrez se engajando um com o outro em um espaço aberto comum.

Indubitavelmente, essas definições se sobrepõem umas às outras ou presumem uma à outra em grande medida. Apesar de podermos delinear certo número de críticas a cada uma dessas definições separadamente, irei dispensá-las por uma única razão. As definições correntes do global e do local são falhas na medida em que perdem de foco a questão principal. Essas definições são tentativas de disciplinar as comunicações sociais a usarem os conceitos de global e local. Ao invés disso, proponho que escutemos essas comunicações⁵. A fim de desenvolver

3 Anthony Giddens, *The Constitution of Society* (Berkeley: University of California Press, 1984); Anthony Giddens, *Consequences of Modernity* (Cambridge: Polity Press, 1990); Anthony Giddens, *Modernity and Self-Identity* (Cambridge: Polity Press, 1991).

4 Anthony Giddens, *Consequences of Modernity* (Cambridge: Polity Press, 1990), 64; Anthony Giddens, *Modernity and Self-Identity* (Cambridge: Polity Press, 1991), 21.

5 Não quero dizer que, como regra, não devemos nos preocupar em elucidar os conceitos científicos com os quais trabalhamos. O ponto é que dadas as circunstâncias, a distinção global/local não é tida como uma ferramenta analítica para o estudo de um objeto de pesquisa. Ao invés disso, a distinção é concebida como o objeto de pesquisa em si na medida em que seu uso é embutido em práticas discursivas.

essa estratégia começarei discutindo a ideia previamente mencionada: o global e o local como forma de distinção. A partir da teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, essa distinção pode ser vista – paradoxalmente – como uma unidade⁶. Isso significa que, em meu modelo, o global e o local não podem aparecer um sem o outro. Isso significa, em última instância, que a única coisa que importa sob essas circunstâncias é o fato de que o global não pode ser local ao mesmo tempo e vice-versa⁷. É dessa forma que distinções auxiliam a gerar informação para o observador: elas criam conjuntos de possibilidades que fazem espaço para variedade e, portanto, permitem variação. De fato, o valor de qualquer pedaço de informação apenas desencadeia efeitos (faz diferença) quando considerada dentro de um conjunto finito de pedaços de informação⁸. De acordo com isso, para se beneficiar da informação que a distinção global/local torna disponível, um observador precisa, primeiramente, selecionar a distinção em si. Assim, a realidade qualificada como diferente pelos termos “global” e “local” existe apenas para o observador que opera dentro desses conceitos.

E quanto ao espaço geográfico ou físico? Se a distinção global/local forma uma unidade e se o global e o local expressam valores diferentes pela virtude de sua diferença recíproca apenas (o que é global o é apenas por não ser local e vice-versa), então, no modelo que ofereço, espaço é irrelevante no nível da distinção. Digo “no nível da distinção” porque o espaço geográfico ou físico ainda pode ter um papel: pode servir como um critério. Pode-se ter a forte impressão de que “certamente, o que é global deve ter a ver com grandes distâncias”. Argumento, todavia, que distâncias como medidas (em quilômetros, por exemplo) são questões quantitativas, ao passo que a distinção global/local tem que ser uma questão qualitativa. Para dizer de outro modo, medidas se baseiam em continuidade, ao passo que distinções se baseiam em descontinuidade. O ponto é que distâncias e outras medidas espaciais não podem nos dizer onde determinar a fronteira separando o que é local e o que é global ou onde o local termina e o global começa. Medidas espaciais são referidas apenas quando aplicamos a distinção global/local

6 Niklas Luhmann, *Social Systems* (Stanford: Stanford University Press, 1995), 20.

7 Rob Wilson and Wimal Dissanayake, ed. *Global/ local: Cultural Production and the Transnational Imaginary* (Durham and London: Duke University Press, 1996).

8 Claude E. Shannon and Warren Weaver, *The Mathematical Theory for Communication* (Urbana, Illinois: University Press, 1963); para discussão, ver Dirk Baecker, *Form and Forms of Communication* (original version in German *Form und Formen der Kommunikation* (Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2005).

9 David Held et al., *Global Transformations: Politics, Economics and Culture* (Stanford: Stanford University Press, 1999).

a fim de justificar a indicação de um ou outro lado da distinção: global ou local. Caso contrário, medidas de espaço (ou de tempo) não podem ser consideradas em si mesmas como a razão principal porque falamos sobre a diferença entre o global e o local.

Devemos proceder, primeiramente, nos relembrando que, até agora, palavras como “global” e “local” ganharam significados próprios fora do círculo acadêmico¹⁰. Devemos reconhecer que, em seu estado atual, a sociedade é tal que evocar conceitos como pobreza global, insegurança global, recessão global, etc., é suficiente para suscitar uma resposta imediata do sistema. Efetivamente, debates nos meios de comunicação de massa são regularmente iniciados acerca desses tópicos. Cursos universitários em diversos campos (business e administração, jornalismo, História, etc.) são reorganizados a fim de incluí-los. Políticos são convocados a tomarem essas questões em suas próprias mãos. Figuras públicas (negócios privados, líderes, cantores, autores, etc.) atingem novos níveis de fama ao tentarem promover a conscientização sobre perigos e desafios globais. Em suma, as palavras “global” e “local” se tornaram culturalmente significativas pela sociedade contemporânea – não somente para cientistas sociais profissionais.

Precisamos nos perguntar: “Por que as pessoas na sociedade falam sobre o global e o local? Por que elas usam essa distinção global/local para comunicar sobre ações e experiências no mundo? Qual o propósito por trás disso?” Novamente, sem pensar duas vezes, pode-se responder que pessoas falam sobre “coisas” globais, porque existem “coisas” globais acontecendo na realidade. E de novo, isso possibilitaria dizer que “coisas” globais são assim caracterizadas porque essa é a forma que realmente são. Infelizmente, denominar global o que é global (e local o que é local) não explica nada. Mais precisamente, quando indivíduos chamam de global algo que é global, não se articula nenhum problema de pesquisa e, como resultado, esse indivíduo se exclui do campo da investigação científica. Para evitar isso, precisamos ressaltar o fato mencionado acima, de que tudo quanto seja rotulado como global (pessoas, corporações, modas, tendências, etc.) chama a atenção da sociedade; O fenômeno empírico para o qual a diferença global/local aponta consiste precisamente nessa reação social.

Deriva disso que a distinção global/local precisa ser “libertada na natureza”: ela precisa ser levada para longe das mãos dos cientistas sociais e devolvida à sociedade contemporânea. Consequentemente, decifrar a distinção global/local não

10 Na verdade, essas palavras provavelmente já tinham um significado antes dos pesquisadores de universidades começaram a usá-las de forma corriqueira. Malcolm Waters, *Globalization* (first edition) (London: Routledge, 1995), 2.

leva a resolução da dificuldade metodológica, mas à análise de práticas vividas. De acordo com isso, ao ponderar sobre porque pessoas no mundo hoje consideram relevante fazer uma distinção entre o global e o local, devemos ver uma analogia direta da distinção com o normal e o patológico. Essa outra distinção não relata o real estado das coisas de uma forma objetiva, direta e imparcial. Diferentemente, é uma forma de construção social. Não é sobre falar sobre a situação do jeito que ela é, mas sim falar dela na forma que a vemos. Afirmo que o mesmo acontece (ou deveria acontecer) para a distinção global/local.

A fim de reinterpretar de forma bem-sucedida o global e o local, um novo modelo de globalização é necessário também. Enquanto é normalmente concebido como um tipo de processo histórico de mudança social, proponho que definamos globalização como uma autodescrição contemporânea da sociedade¹¹. Nesse sentido, a globalização corresponde a um discurso ou narrativa que diz à sociedade o que está acontecendo no mundo neste exato momento. Globalização não está acontecendo exatamente na realidade junto a outros fenômenos. Em contraposição, globalização é a visão de tudo que existe e está, na realidade, ordenando todos os fenômenos dentro de um enquadramento coerente. Isso dito, ainda é possível, todavia, descrever (ou re-descrever) a realidade de outras formas. De fato, a globalização não é a única perspectiva no mundo disponível para a sociedade. Isso nos faz retornar à distinção que nos interessa. Global e local são diferentes na medida em que indicam perspectivas diferentes sobre o mundo. De um lado, o valor global indica *a perspectiva, ou o quadro, que a globalização constitui em si mesma*. Do outro, o valor local *indica qualquer outra perspectiva ou quadro conforme visto pela perspectiva da globalização*.

Em si mesma, essa racionalização depende da capacidade de diferenciar muitas perspectivas ou enquadramentos uns dos outros. Para esse propósito, utilizarei o trabalho de Roland Robertson. Robertson tem sua própria teoria da globalização e deve ficar claro todo o tempo que não é a mesma que delineei no parágrafo anterior. Contudo, é possível alterar as ideias de Robertson a fim de iluminar uma série de tipos ideais que servirão à teoria que defendo. Robertson distinguiu quatro imagens da ordem mundial capazes de afetar a globalização concebida enquanto processo histórico. Esse approach será modificado de duas formas. Primeiro, de acordo com o que foi afirmado acima, globalização será reconceitualizada com um processo histórico afetado não por diversas imagens

11 Jean-Sébastien Guy, *L'idée de la mondialisation. Un portrait de la société par elle-même* (Montréal: Liber, 2007).

da ordem mundial, mas por uma – e apenas uma – dessas imagens. Segundo, as imagens da ordem mundial de Robertson serão reconceitualizadas como autodescrições da sociedade ou perspectivas sobre o mundo como um todo (esses dois conceitos são sinônimos um do outro). Como resultado dessa dupla modificação, reconstruirei a distinção global/local sob a luz dos contrastes entre essas várias autodescrições¹².

A AUTODESCRIÇÃO DA SOCIEDADE

■ O conceito de autodescrição vem da teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. Luhmann afirma que a sociedade é um sistema auto referencial. Em outras palavras, o sistema é definido como uma rede fechada de operações. Esse sistema está em um plano e, conseqüentemente, existe algo fora do sistema e de forma independente a ele. No entanto, o sistema não tem acesso ao que está além do limite que o separa do seu plano. Esse limite pode ser deslocado, mas isso só pode ser feito a partir do interior por meio de operações próprias do sistema. Com efeito, as operações de um sistema conectam apenas com outras operações dentro do mesmo sistema e é exatamente como uma fronteira que separa um lado de dentro (o sistema) a partir de um lado de fora (o ambiente) é produzida e reproduzida. Para sublinhar a importância que deve ser dada ao conceito de autodescrição, concentrar-me-ei em um aspecto particular da teoria dos sistemas de Luhmann, a saber: cognição. Isto revelará o construcionismo epistemológico mencionado na introdução.

Ao falar sobre a cognição, gostaria de abordar uma série de questões relacionadas com a forma como a sociedade efetivamente funciona como um sistema auto referencial. Em termos gerais, pergunto: como o conhecimento sobre a sociedade é disponibilizado para ela? Deve ficar claro imediatamente que para a sociedade (como para qualquer sistema), o autoconhecimento não pode ser uma simples questão de impressão. O problema, nesse caso, não é tanto que a sociedade pode apenas produzir operações de comunicação¹³, de modo que, literalmente,

12 É preciso mencionar dois outros artigos (muito estimulantes) que lidam com a distinção global/local, com ajuda da Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann: Sari Wastell, 2001. *Presuming Scale, Making Diversity: On the Mischief of Measurement and the Global: Local Metonym in Theories of Law and Culture*. *Critique of Anthropology*, 22, 2:185–210; Urs Staheli, 2003. *The Outside of the Global*. *The Centennial Review*, 3, 2: 1–22.

13 Niklas Luhmann, *Ecological Communication* (Chicago: Chicago University Press, 1989); Niklas Luhmann, *Essays in Self-Reference* (New York: Columbia University Press, 1990); Niklas Luhmann, *Social Systems* (Stanford: Stanford University Press, 1995).

não tenha olhos ou ouvidos ou na língua que lhe permitam ver ou ouvir ou sentir gosto. A fonte real de dificuldades é esta: já que a sociedade produz comunicações e nada mais, o conhecimento da sociedade se torna disponível para a sociedade apenas quando tal conhecimento é transmitido nas comunicações. Sob tais condições, no entanto, o conhecimento não pode ser avaliado ou mantido sob controle comparando-o com o seu objeto presumido. Em suma, o conhecimento da sociedade acaba por ser parte de seu próprio objeto.

Isso não quer dizer, é claro, que o conhecimento da sociedade não pode ser transmitido em comunicações ou que a sociedade não tem conhecimento de si mesma. Ainda assim, a situação é tal: o conhecimento da sociedade e seu objeto não são externos um para o outro. Consequentemente, se houver conhecimento da sociedade feito constantemente à disposição dela, seríamos bem aconselhados a tratar esse conhecimento como não comum. “Conhecimento não-normal”, o que significa que ele é conhecimento de alguma forma, contudo, não pode ser considerado como derivado da realidade ou secundário a ela. Muito pelo contrário, é nada menos do que constitutivo da realidade. Como pode ser? Podemos supor que o conhecimento da sociedade, basicamente, refere-se a questões como: “O que está acontecendo na sociedade agora?” Em qualquer momento, deve haver mais de uma resposta a esse tipo de pergunta. Nessas condições, a sociedade procede fazendo uma seleção entre todas as respostas disponíveis. A resposta escolhida é considerada boa, ou seja, a expressão exata ou representação da realidade, a chave do enigma: “O que está acontecendo agora?” Portanto, ao escolher uma resposta ao invés de outra, o sistema realmente se transforma nesta resposta na medida em que o primeiro vem para considerar o último como correspondente precisamente da realidade que ele próprio é. Em outras palavras, o sistema existe como a realidade que observa e/ou o sistema constrói realidade, uma vez que se constrói. A construção de uma realidade e a construção de um sistema (como é realizada pelo mesmo sistema através de suas observações) são o mesmo processo. As duas construções são coextensivas uma a outra.

Não quero sugerir que a realidade pode ser modificada à vontade. Na verdade, não são os próprios eventos (como conteúdos ou substâncias) que estão em jogo, mas sim seu significado ou então a relação entre eles. Conjuntos de eventos se tornam significativos quando os eventos individuais são conectados uns com os outros, de modo a revelar um padrão (um exemplo seria uma relação de causalidade que estabelece que o evento A aconteceu por causa do evento B). Um único conjunto de eventos pode dar suporte a várias interpretações, mutuamente exclusivas, considerando como os mesmos eventos podem ser conectados uns com

os outros de múltiplas formas¹⁴. O problema de descobrir qual interpretação é a correta pode ser resolvido por meio da expansão do conjunto de elementos, ou seja, produzindo mais eventos a fim de colocar qualquer padrão interpretativo disponível para um teste. Na verdade, adicionando novos elementos, os padrões são levados ao seu limite. Como a situação evolui e muda, alguns padrões podem vir a ser inalcançáveis. No entanto, por outro lado, também se torna possível prever padrões nunca antes pensados. Assim, o ciclo deve continuar e, conseqüentemente, qualquer solução para o problema acima mencionado só pode ser temporária.

Isto cobre sucintamente o que precisamos saber sobre a cognição, auto referência e auto -descrição na teoria de Luhmann. O prefixo “auto” em “ auto-descrição “ implica duas coisas. Primeiro, quando se fala de autodescrições da sociedade, queremos dizer descrições da sociedade (naturalmente). Além disso, ele também abrange as descrições feitas pela sociedade. Deve ficar claro que o sistema não pode prescindir de autodescrições, pois somente através de suas próprias operações pode entreter algum conhecimento de si mesmo. Mas porque é que existe na sociedade mais do que uma autodescrição do sistema, ao mesmo tempo? E como a sociedade faz uma seleção entre todas as suas autodescrições? Finalmente, o que é a sociedade, então, se é tão eficaz em se descrever de várias maneiras, ao mesmo tempo? Por uma questão de clareza, tomarei o tempo para fornecer mais alguns detalhes. Os seguintes pontos elucidam as perguntas acima, na ordem correspondente:

- Para sistemas auto referenciais, o conhecimento não é simplesmente estabelecido ou garantido por “dar uma boa olhada” no objeto ao que ele se refere. Como o cérebro, a sociedade não pode sair de si mesma para olhar para si mesma, porque, como uma rede fechada de operações, a sociedade só pode produzir mais operações com base nas operações já produzidas. Por isso, o conhecimento é mais semelhante a um processo interno de evolução por meio de tentativas e erros. É por esta razão que uma multiplicidade de

14 É possível encontrar uma ilustração brilhante desse princípio da curta história de Jorge Luis Borges “Ibn-Hakam al-Bokhari, Murdered in His Labyrinth” (in Borges 2004). A história se desenvolve em torno de um labirinto improvável, um rei no exílio, seu servo e um corpo não identificado. O leitor é apresentado com duas diferentes formas de compor esses elementos de modo a conseguir fundamentar dois testemunhos contraditórios. Por exemplo, em um dos testemunhos, o corpo é do rei, enquanto que no outro, é do seu servo; em um dos testemunhos o labirinto é uma proteção contra inimigos, enquanto que no outro, é uma isca para atrair o inimigo para uma armadilha; etc. Paul Watzlawick, Janet H. Beavin and Don D. Jackson, *Pragmatics of Human Communication* (London: Faber, 1968).

autodescrições deve estar em circulação em todos os momentos na sociedade. Para colocar de outra maneira, o conhecimento não é adquirido por mera contemplação, mas experimentando simultaneamente com várias hipóteses ou cenários construídos de forma preliminar. Os vários cenários são tantos quantos as versões da história atual da sociedade. Ao recontar a trajetória da sociedade de formas diferentes, estes cenários criam expectativas opostas sobre os próximos opostos. A partir de agora, o acontecimento dos eventos subsequentes, potencialmente surpreendentes, fornece os meios para determinar qual cenário se encaixa melhor à realidade em curso: ele deve ser o único confirmado *tanto pelo status quo anterior e o novo*. Em essência, a experiência é chamada para ajudar a estabilizar o sentido do próprio senso de realidade da sociedade.

- Naturalmente, os referidos acontecimentos (isto é, os eventos que se seguem à estruturação das expectativas na forma de várias autodescrições) acontecem na sociedade e são produzidos pelo mesmo sistema como outras comunicações. No entanto, no momento da sua produção, eles não estão totalmente sob o controle da sociedade. Deste modo, há sempre um risco para as expectativas previamente definidas serem contraditas pelo curso de ação seguinte. Esta probabilidade é garantida, por assim dizer, pelo fato de que a sociedade depende em parte de seu ambiente para completar uma operação, enquanto o ambiente fica fora do alcance da sociedade. Assim, os eventos mencionados acima são próprias operações da sociedade, mas eles não são ocorrências simples, uma vez que essas operações exigem que algumas outras ocorrências ocorram no ambiente da sociedade, ao mesmo tempo. O princípio ou mecanismo em ação aqui é o seguinte: para que algo aconteça, outros eventos devem acontecer também. No final, é assim que as autodescrições vêm a ser selecionados da/ pela sociedade: com a ajuda do ambiente, o que significa que com a ajuda do acaso. Dessa forma, embora todas as autodescrições sejam necessariamente produzidas dentro da sociedade e através de operações da sociedade, o negócio de escolher uma autodescrição e não outra não pode ser tratada com total liberdade (como se qualquer autodescrição pudesse caber na situação de forma igualmente satisfatória)¹⁵. Isto já estava implícito pelo fato de que o processo de seleção alimenta o de experiência.

15 Por essa razão, não pode haver confusão entre “selecionados por acaso” e “selecionando com ajuda do acaso”.

- Para o sistema da sociedade, o processo de autodescrição é, portanto, o processo de seleção de autodescrições. Poderíamos imaginar a sociedade selecionar mais de uma autodescrição de cada vez? À luz das explicações precedentes, pode-se responder imediatamente: nenhuma. Pelo fato de muitas autodescrições da sociedade serem tais que contradizem umas às outras, a seleção de uma autodescrição deve ocorrer simultaneamente a rejeição de suas concorrentes. Dito isto, não obstante, é possível para a sociedade abranger mais do que uma autodescrição de cada vez. É preciso lembrar que a sociedade não é um espaço homogêneo. Na sociedade, numerosas operações são produzidas ao mesmo tempo. Se o sistema pode, de fato, ser visto como um espaço, então, as operações não são uniformemente distribuídas nele. Ao contrário, eles gravitam em torno de “atratores estranhos”. Cada um desses constitui um local panorâmico, que oferece uma vista única sobre a sociedade como um todo. Em um desses locais, apenas uma autodescrição pode ser selecionada de cada vez. No entanto, como esses locais se multiplicam, a unidade do sistema passa a ser refletida de cada vez mais maneiras diferentes (por esta razão, Luhmann fala da uma unidade da sociedade como “*unitas multiplex*”, isto é, como um paradoxo). Assim, dizemos que na sociedade há espaço para mais de uma autodescrição de cada vez na medida em que existe mais do que um desses atratores estranhos em ação no sistema (existem vários atratores porque a sociedade é diferenciada em muitos subsistemas)¹⁶. No entanto, de um local para o outro, as várias autodescrições continuam a contradizer e opor-se umas às outras, pois *cada local único, em última análise, corresponde a uma autodescrição em particular* (para que os locais venham a eclipsar ou absorver um ao outro como autodescrições substituindo uns aos outros através do fluxo de operações da sociedade).

As metáforas visuais de espaço e local nos obrigam a permanecer sob alerta, pois elas podem facilmente nos enganar sob certas circunstâncias. Escrevemos que os locais estão situados no espaço. De certa forma, o oposto é verdadeiro também: cada local contém espaço (não algum espaço, mas todo o espaço que existe). O ponto é que a constituição de locais no espaço é necessária para que o espaço revele ou se desdobre. Cada local é uma recriação do espaço dentro do espaço. Por conseguinte, as diferenças nos locais são as diferenças na maneira como espaço é recriado ou duplicado. De fato, diferentes autodescrições revelam diferentes

16 Niklas Luhmann, *Ecological Communication* (Chicago: Chicago University Press, 1989).

estados da evolução passada, estado presente e potencial futuro das sociedades. Portanto, quando se fala sobre o espaço, não estamos falando sobre o espaço normal, clássico, euclidiano e geométrico. Isso é importante de ser colocado, uma vez que queremos discutir globalização.

GLOBALIZAÇÃO COMO AUTO DESCRIÇÃO DA/PELA SOCIEDADE

■ Ao dizer que a globalização é uma das autodescrições da sociedade contemporânea, o objetivo é compará-la com outras autodescrições e também examinar como a relação com outras autodescrições se reflete na globalização. Mas que motivos temos para sugerir que a globalização pode ser uma das autodescrições da sociedade? Em primeiro lugar, a globalização apresenta-se na sociedade por sua aparição no nível dos discursos. Para colocar de outra maneira, a globalização é algo sobre a qual a sociedade se comunica. Não é suficiente – muito pior: é impreciso – afirmar que as pessoas falam sobre a globalização, porque tomaram conhecimento sobre ela de uma forma ou outro (para uma crítica da imaginação empirista implícita aqui, ver Guy, no prelo). Sem comunicações sobre o assunto na sociedade, a globalização não estaria em algum lugar “lá fora” esperando que as pessoas tomem consciência dela.

Para a sociedade, a globalização só existe na medida em que e enquanto o sistema continua a gerar comunicações relativas a esse tópico. Assim, o estudo da globalização deve começar por adotar um outro ponto de observação¹⁷. O objetivo, portanto, não é se submeter a um “controle de qualidade”, isto é, uma dupla checagem das comunicações atuais sobre a globalização, verificando seu valor verdadeiro ou real mais uma vez. Em vez disso, o foco deve mudar da realidade para o observador por trás dela. Isso não quer dizer que a globalização não é real, mas que, como uma realidade, a globalização é, contudo, a construção de algum observador. Aqueles que desejam decifrar os segredos da globalização são orientados a examinar como o observador observando a globalização continua a fazê-lo. E este observador é, na verdade, o sistema da sociedade.

Outro detalhe considerável é o fato de que as comunicações sobre a globalização são, ao mesmo tempo, as comunicações sobre o estado do mundo (o globo) na medida em que a globalização qualifica o mundo como um todo. É exatamente por esta razão que a globalização deve ser admitida como uma das

17 Niklas Luhmann, *Theories of Distinction*, ed. William Rasch (Stanford: Stanford University Press, 2002); Heinz Von Foerster, *Understanding Understanding* (New York: Springer, 2003).

autodescrições da sociedade. Em essência, a sociedade e o mundo são o mesmo. Isso é válido se o mundo é entendido no seu sentido fenomenológico. Com efeito, na teoria de Luhmann, a sociedade é o sistema que engloba todas as operações de comunicação¹⁸. Consequentemente, no nível de comunicação, a sociedade é o horizonte que não pode ser atravessado nem deixado para trás. Então, neste nível, a sociedade é simplesmente inevitável e é precisamente por isso que a sociedade pode ser vista como uma co-extensão com o mundo. O fato do termo “o mundo” poder se referir ao planeta Terra não é um contra-argumento, pois mesmo isto tem de ser representado na sociedade por um meio de comunicação – como todo o resto. Nestas condições, então, podemos supor, então, que retratar o mundo como o planeta Terra está diretamente implicado (entre outras características) na autodescrição específica do sistema da sociedade que a globalização oferece.

A noção de unidade intransponível é incorporada tanto no conceito do mundo e do sistema da sociedade. Além disso, uma unidade semelhante é expressa no discurso geral sobre a globalização. Esta é a cadeia de elementos que dá apoio a nossa hipótese. Agora entendemos porque o observador produzindo observações sobre a globalização (por se envolver em comunicações sobre o assunto) deve ser o sistema da própria sociedade. Finalmente, como um discurso ou fluxo de comunicações carregando uma autodescrição da sociedade, a globalização equivale a uma cosmologia em seu próprio direito. Apesar de a ideia da cosmologia provavelmente soar mais familiar (ou menos intrigante), o conceito de autodescrição foi preferido, uma vez que ilumina especificamente os dois aspectos centrais de nosso argumento: (1) as comunicações sobre a globalização são produzidas no interior da sociedade (o fato de que este é o caso é necessário); (2) as comunicações sobre a globalização são proposições sobre a sociedade (ou seja, o mundo, o horizonte).

Claramente, admitindo que a globalização é uma autodescrição da sociedade contemporânea não nos força a concluir que não existem outra autodescrição alternativas no sistema. Como explicado anteriormente, é a situação oposta que deveria ser caso. Cada autodescrição define um local ou um ponto no espaço (na sociedade), onde todo o espaço (a sociedade) pode ser olhado. Ao nos movermos de um local para o outro, vemos a sociedade (espaço) mudar, assumindo diferentes aspectos. A chave para entender a distinção global/local baseia-se na relação entre essas outras autodescrições e própria globalização. Essencialmente, o que é

18 Niklas Luhmann, *Essays in Self-Reference* (New York: Columbia University Press, 1990); Niklas Luhmann, *Social Systems* (Stanford: Stanford University Press, 1995), 20.

local o é tão somente em relação ao que é global, que por sua vez corresponde a como a realidade é contabilizada na autodescrição da sociedade à qual a globalização corresponde. O que possivelmente poderiam ser essas outras autodescrições alternativas? Nesse momento, recorro a Roland Robertson para ajudar – ou apenas para traír (respeitosamente) as suas ideias para o nosso próprio propósito.

A TEORIA DA GLOBALIZAÇÃO DE ROLAND ROBERTSON

■ Robertson define globalização como sendo um processo de estruturação pelo qual o mundo como um todo (o globo, planeta Terra) está cada vez mais organizado como um espaço único.¹⁹ Contudo, isso não significa necessariamente, que o mundo está se tornando mais unido e homogêneo, vez que neste, a globalização também é expressa por meio de padrões de desigualdade. Com isso, o conceito de estruturação na definição de Robertson precisa ser estudado com mais atenção; se por um lado, este visa destacar uma lista não exaustiva de grandes transformações sociais que ocorreram na história, como por exemplo, a criação das Nações Unidas ou a expansão de novas tecnologias de informação pelo mundo,²⁰ por outro, também busca chamar atenção para a natureza reflexiva das atividades sociais. Os seres humanos não reagem à uma situação de forma meramente mecânica, posto que, visando dar sentido às suas vidas, interpretam suas experiências na medida em que elas ocorrem. Essencialmente, os seres humanos agem da forma como agem devido à maneira que eles interpretam as circunstâncias nas quais se encontram. Tal interpretação motiva os indivíduos a se engajarem em diferentes formas de atividade e organização social para reproduzi-los e mantê-los no espaço e no tempo com consequências imprevistas.²¹ Assim, a globalização não acontece sozinha, uma vez que as mudanças históricas por trás dela são consequências de atos humanos. Desta forma, deve haver, na globalização, uma dimensão cultural (interpretativa, reflexiva).²²

À fim de nos lembrar dessa dimensão tão fundamental, Robertson sugere que se pense a globalização como um problema. A questão é que o impacto da globalização teve como consequências diversas mudanças no mundo, as quais

19 Roland Robertson, *Globalization, Social Theory and Global Culture* (London: Sage, 1992).

20 *Ibid.*, 58-59.

21 Anthony Giddens, *The Constitution of Society* (Berkeley: University of California Press, 1984).

22 John Tomlinson, *Globalization and Culture* (Chicago: University of Chicago Press, 1999), 11-12.

ocorrem até hoje; ademais, as pessoas estão cada vez mais atentas ao fato que o mundo em que vivem está sendo reorganizado como um lugar único (novamente, cabe a crítica da ideia de uma “crescente consciência global” e a imaginação empirista por detrás dela).²³ Dessa forma, as pessoas devem responder à seguinte questão: para onde vão daqui? Robertson afirma que a globalização é um problema pois ele pretende enfatizar precisamente o fator humano; de modo que, para poder responder a indagação acima, as pessoas devem primeiro se perguntar o que exatamente a globalização significa para cada um deles. Eles precisam achar sentido na enorme quantidade de eventos os quais estão experimentando, alguns positivos, alguns negativos. Não é necessário dizer que, como cientistas sociais, nós esperamos que pessoas advindas de diferentes origens interpretem a globalização de forma diferente. Como um processo de estruturação, esta acaba sendo impulsionada por essas interpretações. Robertson acredita ainda que, devido às discrepâncias existentes entre essas muitas interpretações, é natural que a globalização seja direcionada em sentidos completamente opostos.

Por fim, para Robertson existe uma relação muito próxima entre a globalização e a modernização; conforme a história da sociologia nos revela, as mudanças que mais abalaram os países do ocidente, em uma escala nunca antes vista, a partir do século dezenove em diante (produção industrial, economia de mercado, ideais democráticos, estado burocrático, movimento dos trabalhadores, etc.) deixaram muitos comentaristas sociais apreensivos ou confusos. Por exemplo, Emile Durkheim se preocupava com o risco de anomia devido ao aumento de da divisão de trabalho, enquanto isso, Max Weber receava que a democracia recentemente estabelecida seria o fim dos líderes carismáticos. Ninguém ignorava ou negava que o mundo tinha mudado e, apesar das evidências serem irrefutáveis, algumas opiniões permaneciam hesitantes a medida em que as pessoas se perguntavam: o mundo está mudando para melhor ou pior? Teriam novas pragas vindo em nossa direção? O que podemos fazer sobre elas? Isto significa, Robertson explica, que muitas pessoas desse período se retratavam como se estivessem em uma encruzilhada, visto que, enquanto testemunhas das consequências sem precedentes da modernização na ordem social e assuntos humanos, um dilema lhes era apresentado, o qual, na análise de Robertson, era interpretado como uma obrigação de escolher entre *Gesellschaft* e *Gemeinschaft*, termos definidos por Ferdinand Tönnies.

23 Jean-Sébastien Guy, “The Name ‘Globalization’: Observing Society Observing Itself”. In *Observado Sistemas 2*, ed. Ignacio Farias & Jose Ossandon. (Mexico: Universidad Iberoamericana, Forthcoming).

O conceito de *Gesellschaft* (ou sociedade) designa uma associação voluntária e legal baseada em interesses pessoais racionais. Já *Gemeinschaft* (ou comunidade) por outro lado, retrata um grupo de indivíduos vinculados a um lugar de origem comum e devido a um senso de identidade coletiva, incorporaram e compartilham os mesmos valores, ideias e experiências. Ao final do século dezenove, a *Gesellschaft* e a *Gemeinschaft* foram postas cara a cara; o confronto foi tido como a principal característica da nova e inquietante era. Nesse sentido, buscando tempos mais pacíficos, decidiu-se que uma das duas opções deveria ser escolhida em detrimento da outra. As preferências dadas a uma ou outra, estavam ligadas com duas visões específicas da modernização: tanto otimistas quanto pessimistas. Para alguns, que privilegiavam a *Gemeinschaft*, a nova conjuntura histórica era um desastre visto que, por exemplo, as transformações estavam destruindo a autoridade tradicional da fé cristã. Para outros, que privilegiavam a *Gesellschaft*, a modernidade não era vista como venenosa e sim como uma cura, alegando que as dificuldades sociais daquele momento não eram representativas da nova era, e sim, causadas pela presença de elementos do passado, que precisavam ser apagados.

Em resumo, a modernização exemplifica o que Robertson tinha em mente quando afirmou que a globalização era um problema análogo na tentativa de trazer de volta do conceito de cultura (como implementado por indivíduos apanhados na história) na análise social do fenômeno. Para Robertson, uma boa teoria de globalização não deveria limitar-se a descrever correntes evolucionistas importantes e padrões estruturais mundiais (divisão internacional do trabalho, fluxo monetário, fluxos migratórios, etc.); tal teoria deve levar em consideração os diferentes conceitos atribuídos à globalização como um todo, pelos indivíduos que vivem sob as condições por ela criadas. Robertson acredita que os conceitos de *Gesellschaft* e *Gemeinschaft* podem ajudar-nos a delimitar a variedade de interpretações e reações. Este, portanto, identifica quatro “imagens da ordem mundial”:²⁴ *Gemeinschaft* global 1 (ou várias comunidades pelo mundo), *Gemeinschaft* global 2 (ou uma comunidade mundial), *Gesellschaft* global 1 (várias sociedades pelo mundo) e *Gesellschaft* global 2 (uma sociedade mundial). Tais imagens da ordem mundial são conectadas pelo que Robert chama de campo global (também conhecida como condição humana global).²⁵

Esta última, corresponde à conjuntura que tem sido constituída pelo processo de estruturação. Nesse sentido, da mesma forma como no passado, uma

24 Roland Robertson, *Globalization, Social Theory and Global Culture* (London: Sage, 1992), 78-79.

25 *Ibid.*, 27.

oposição conceitual entre *Gesellschaft* e *Gemeinschaft* surgiu da modernidade; um novo conjunto de distinções analíticas está emergindo da globalização. Nesta nova conjuntura, os conceitos de individualidade, sociedade nacional, humanidade e sistema mundial de sociedades foram separados uns dos outros.²⁶ Conforme afirmado por Robertson, cada um desses conceitos constituem uma dimensão do campo global. Este, por sua vez, limita as atividades humanas, materiais e ideais (ou ideológicas). Nesse contexto, as várias dimensões do campo funcionam como conhecimento de referências simbólicas ou recursos para o comportamento humano. Em outras palavras, os seres humanos podem fazer uso dos quatro conceitos acima mencionados para interpretar suas vidas e decidirem qual curso tomar; contudo, isso precisa ser feito pela escolha de um conceito ou dimensão em detrimento dos demais. A seguir, podemos ver as quatro imagens da origem mundial de Robertson de forma mais detalhada:²⁷

- *Gemeinschaft* Global 1: Essa imagem descreve o mundo como sendo habitado por inúmeras comunidades fechadas em si mesmas. Além disso, tem relação com o conceito de individualidade pois cada comunidade é concebida como sendo única quando comparada com as demais (considerando seus costumes, sua história, etc.). Existem duas versões dessa imagem: uma simétrica e uma assimétrica. A primeira versão afirma que as comunidades são iguais umas às outras. A segunda, contrariamente, defende que uma comunidade em particular está acima das demais como uma civilização moral superior.
- *Gemeinschaft* Global 2: Essa imagem está ligada ao conceito de humanidade e conseqüentemente descreve o mundo como sendo habitado por uma única comunidade global. Assim, como, presumidamente, todos os humanos pertencem à mesma tribo ou família, não existem fronteiras, nem há que se falar em divisão mundial. O mundo nada mais é do que uma grande vila. Novamente tal imagem possui duas acepções: a comunidade mundial pode ser centralizada ou descentralizada. Os movimentos religiosos e pela paz, são exemplos de Robertson de acepções de comunidades centralizadas e descentralizadas, respectivamente.
- *Gesellschaft* Global 1: Essa imagem, se refere ao conceito de sociedade nacional. Em sua versão simétrica, essa imagem descreve o mundo como sendo

26 Malcolm Waters, *Globalization* (first edition) (London: Routledge, 1995), 42-43.

27 Peter Beyer, *Religion and Globalization* (London: Sage Publications, 1994); Robert J. Holton, *Globalization and the Nation-State* (Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Macmillan Press, 1998).

constituído de várias unidades políticas autônomas. Essas sociedades nacionais são mais abertas do que seus equivalentes previamente esboçadas na “*Gemeinschaft* global 1.” Eles interagem e trocam bastante um com o outro, mas somente se servirem seus próprios interesses. Deste modo, cada sociedade nacional permanece como sendo mestre de seu próprio destino e as relações entre as sociedades são construídas e destruídas sem muita dificuldade. Na acepção assimétrica, uma sociedade nacional reina superiormente sobre as demais, como um poder hegemônico.

- *Gesellschaft* Global 2: Nesta última imagem, o mundo é tratado como sendo estruturado como um todo, com base em alguma forma de organização global em escala e abrangência. Contudo, a unidade mundial não é natural como aquela presente na “*Gemeinschaft* global 2.” Ao invés disso, trata-se de uma realização institucional com uma história social por trás. Além disso, essa realização pode assumir uma forma descentralizada (como ocorre no caso de uma federação global) ou centralizada (como no caso de um governo global). Naturalmente, essa imagem está atrelada ao conceito de um sistema mundial de sociedades, a última dimensão de um campo global.

DE IMAGENS DA ORDEM MUNDIAL PARA A AUTODESCRIÇÃO DAS SOCIEDADES

■ Pela teoria de Robertson, a relação entre globalização e as imagens da ordem mundial funciona da seguinte forma: ao imaginar um conjunto formal que inclui quatro elementos diferentes, podemos concordar que segundo Robertson, as imagens são representadas pelos elementos existentes dentro desse conjunto, enquanto a globalização corresponde ao conjunto por inteiro. Pela luz dessa mesma metáfora, esta é a forma que eu pretendo recapturar as ideias de Robertson em benefício da minha própria teoria: para mim, a globalização não corresponde ao conjunto por inteiro, e sim a um dos elementos dentro deste, de modo que os demais elementos são autodescrições alternativas da sociedade, enquanto o conjunto por inteiro indica um processo geral de descrição do sistema da sociedade (como processo de seleção de uma autodescrição ou outra pode meio das operações da própria sociedade). Em outras palavras, meu desejo é simplesmente pegar as imagens de ordem mundial de Robertson e transformá-las em autodescrições da sociedade. Tal transformação, tem como justificativa o fato do sistema de sociedade concebido por Luhmann, já ser intermutável com todo o mundo ou com o horizonte, considerando que em se falando “do globo” não é nada além de

ser uma estratégia de dirigir a unidade mundial (a unidade do sistema) dentro do mundo (dentro do sistema).²⁸

Devemos recordar que, para Robertson, nenhuma das imagens da ordem mundial descrevem o que o mundo (ou planeta Terra) se tornou hoje em dia. Aliás, as imagens da ordem mundial não podem ser confundidas com o campo global (ou condição humana global) per se. As imagens descrevem em que o mundo se transformaria doravante os seres humanos trabalhassem para mudar suas condições de uma forma ou de outra. Escolho romper com essa interpretação pelo bem da minha própria teoria de globalização. No sentido de Robertson, ainda tomo as quatro imagens como se elas fossem proposições significativas referindo-se ao um mundo como um todo. Entretanto, o conteúdo que lhes atribuo é de natureza factual (ou descritiva) ao invés de moral (ou perspectiva). Isso serve para dizer que, para mim, a intenção por detrás dessas proposições não é a de especificar como a sociedade ou o resto do mundo pode ser organizado no futuro, e sim como a realidade está funcionando no momento atual.

Esse movimento de adaptação das ideias de Robertson automaticamente levanta uma importante pergunta: Dentre as quatro imagens da ordem mundial imaginadas por Robertson, qual deveria ser considerada equivalente à globalização da forma que o é a autodescrição da sociedade? A resposta é a *Gesellschaft* global 2. O assunto quase fala por ele mesmo visto que já não há mais tanto mistério sobre os fenômenos que a globalização supostamente envolve. Nós todos aprendemos a música e a sabemos de cor. Quando se trata de globalização, todos falam em livre comércio, corporações transacionais, integração financeira e mercados financeiros. Em continuação, discute-se sobre práticas empresariais como terceirização e subcontratação. Depois falamos sobre as novas tecnologias de informação, de microprocessadores à fibra óptica até chegar na Internet, que providencia a infraestrutura que sustenta a maior parte do lado econômico da globalização. Poucas palavras são ditas acerca da emergência das novas potências econômicas como a Índia e a China. Adiciona-se alguns comentários sobre os movimentos migratórios mundiais motivados (ao menos em parte) pela nova divisão internacional do trabalho. Eventualmente, isso chama atenção para alguns dos aspectos culturais da globalização, já que ideias e símbolos que caracterizam identidades coletivas (étnicas, raciais, religiosas ou outras) estão viajando conjuntamente com o dinheiro, os produtos, o conhecimento e os trabalhadores. Mais

28 Robert J. Holton, *Globalization and the Nation- State* (Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Macmillan Press, 1998). Para uma outra reflexão sobre o conceito de mundo em sociologia inspirada no trabalho de Robertson sobre globalização, ver Turner 1994.

cedo ou mais tarde, algumas pessoas nos lembrarão que a globalização produz tanta pobreza e tantos riscos quanto produz riqueza e oportunidades e que existe uma grande discrepância entre os vencedores e os perdedores na globalização. Além disso, a qualquer momento, o papel das organizações (nacionais e internacionais, bem como as governamentais e as não governamentais) é determinado, vez que são elas que fazem a maior parte do trabalho ao fornecer à globalização, as estruturas padronizadas de interação (regimes de direitos humanos, regimes de proteção ambiental, conceitos de política nacional, etc.).²⁹

Ao afirmar que a imagem da *Gesellschaft 2* acarreta uma forma de organização global, Robertson está pensando em uma possível solução para o problema da globalização. Por esse motivo, ele parece estar falando do tipo de organizações burocráticas com equipes, escritórios, hierarquias, orçamentos, etc. Já eu, quero utilizar a mesma imagem, porém pretendo dar à palavra “organização” um significado diferente, pois confundo essa imagem com a de globalização ao invés de colocá-las em sentidos opostos. Para nós, “organização” serve para designar o estado no qual encontramos o mundo. Consequentemente, o que a globalização essencialmente implica, é que o mundo atual é organizado, é estruturado, apesar de informalmente, através de uma gama de redes e fluxos de bytes eletrônicos, produtos materiais, ideias abstratas, seres humanos, etc. Nenhuma das outras três imagens sobre a ordem mundial reproduz adequadamente essa cena ou interpretação; na *Gemeinschaft 1* e *Gesellschaft 2*, a unidade mundial por inteira ou a autonomia mundial como unidade de si mesma, é subestimada ou negligenciada, quando não, dispensada. Não é esse o caso na *Gemeinschaft 2*; nesse último exemplo, a unidade mundial é tida como natural, enquanto deveria ser considerada uma realização.

29 A relação entre globalização, a invenção de microprocessadores e a transformação do sistema de produção, organização do trabalho e práticas de economia na segunda metade do século vinte são descritos por David Harvey (1990) e Manuel Castells (1996). Além disso, ambos os autores explicam como as mudanças tecnológicas e econômicas alteram nossa experiência do espaço-tempo. Em um trabalho subsequente, Castells destaca a interface entre globalização e movimentos sociais (Castells 1997). O lado cultural da globalização (imaginários coletivos, etno-paisagem, paisagem midiática, ideoscapes, etc.) é explorado por Arjun Appadurai (1996). O lado institucional da globalização (modelos organizacionais, discursos legitimantes, objetivos, ideários, programas, etc.) é estudado por John W. Meyer e seus colaboradores (p.e. Meyer, Boli, Thomas e Ramirez 1997). Zygmunt Bauman insiste que a globalização não é só vantajosa para alguns, mas também – e simultaneamente – desvantajosa para outros (1998). Finalmente, David Held, Anthony McGrew e outros providenciaram-nos uma gama de livros que tratam de vários aspectos da globalização: econômico, político, cultural, tecnológico, ambiental, etc. (Held and et al., 1999, Held and McGrew 2000, 2007a, 2007b, Held and Kaya 2007).

A DISTINÇÃO GLOBAL / LOCAL

■ Vamos retornar à distinção global/local.³⁰ O primeiro lado da distinção, isto é, a valoração global, é aquela diretamente ligada à globalização como uma autodescrição da sociedade. Nessa autodescrição, o sistema de sociedade, o mundo que é nosso horizonte, é descrito como sendo determinado, em sua maior parte, por fatores globais de uma forma ou de outra (vide a seção anterior). Nesse sentido, é possível se ter um lampejo de globalização quando ao nos depararmos com comunicações evocando esses fatores. E o outro aspecto da distinção? Da mesma forma, eu juntei a globalização com a imagem da ordem mundial conhecida por *Gesellschaft 2*, agora eu uno esta com as demais imagens da ordem mundial, respectivamente nomeadas por Robertson como *Gemeinschaft 1*, *Gemeinschaft 2* e finalmente *Gesellschaft 1*. Deve-se atentar para o fato de que essa lista não está limitada a princípio. Em todo o caso, o que importa é o contraste (a distinção) com a globalização. Precisamente, aquilo que é local corresponde a essas outras descrições da sociedade vistas da perspectiva da globalização. O fato é que os observadores que observam a sociedade e a descrevem na forma de globalização também são capazes de observar outros observadores, os quais, assim como eles, observam a sociedade, mas descrevem-na de formas diferentes. São esses outros observadores e suas observações que materializam o que um valor local de acordo com os primeiros observadores, expressa.

Quando a globalização é escolhida como a melhor descrição da sociedade dentre as circunstâncias, esta passa a ser vista como sendo a realidade em si. Para ser exato, o que está em risco aqui, não é a mera existência de uma prática social, corporações transnacionais ou equipamentos tecnológicos, etc.; em outras palavras, o objeto do debate não é (pelo menos não exclusivamente), decidir se esse fenômeno está se materializando ou não. O que importa aqui é a influência que esse fenômeno pode ter no curso dos eventos. A partir do momento que a globalização passa a ser aceita como a realidade em que vivemos, um poder causal especial passa a ser atribuído às redes e fluxos que perpassam as barreiras dos Estados, de modo que eles passam a ser interpretados como as principais forças causadoras de modificam a sociedade e a estimula a ser o que é. Consequentemente, nessa perspectiva, qualquer observador que pensar e agir como se a sociedade fosse, do

30 A distinção global/local tem sido tratada por Roland Robertson (1995, ver também Beck 2000, 47-52). Na opinião de Robertson, global e local não deveriam ser concebidos como mutualmente exclusivos. Nesse sentido, Robertson deseja promover o conceito de globalização. O presente artigo desenvolve uma abordagem diferente.

contrário, movida por outras forças – como uma parceria mutualmente acordada entre Estados soberanos como na versão equivalente a imagem de *Gesellschaft* I ou na divisão entre pessoas civilizadas e os bárbaros como uma versão assimétrica da imagem da ordem mundial *Gemeinschaft* I – será considerado “fora da realidade” (isto é, da globalização). Esses observadores continuarão sendo admitidos como parte da globalização (parte da realidade), mas somente se forem colocados em um nível local (falar sobre “níveis” ainda se mostra conveniente, apesar de ser incorreto fazê-lo – ver abaixo).

Onde o “local” deve, então, se localizar? Parece que essa não é bem a melhor pergunta para se fazer, vez que estamos lidando com algo que tem mais a ver com o tempo do que com o espaço. De fato, um adentra ou mesmo, é classificado como local toda vez que o mundo parar de ser descrito na forma de globalização, ou toda vez que a globalização for substituída por outra descrição da sociedade. Nesse sentido, se o que é local for formulado com limitações, deve se perceber que este último não existe no espaço geográfico ou físico, mas somente no fluxo de comunicação que o sistema de sociedade gera se reproduzindo em continuidade. Desse modo, um indivíduo não vai do global ao local ao cobrir uma certa distância ou atingindo um certo ponto na face da terra; em vez disso, a passagem do global para o local, corresponde, ou é motivada por uma mudança na interação social. No nível local, o mundo (mais precisamente, o fenômeno horizontal que coincide com o sistema de sociedade) não leva mais em consideração o aspecto da globalização per se, e sim outro aspecto. Essa diferença necessariamente transmite uma diferença de comportamento e coordenação social. As pessoas não pensam e reagem mais as mesmas coisas. Acima de tudo, as pessoas não falam mais de globalização, ou ainda, elas não a veem como a realidade na qual já vivem, e sim como uma força alienígena vinda de longe. Em resumo, o local surge em todos os lugares em que ocorre essa mudança e em teoria, e esta pode ocorrer e qualquer lugar.

Nesse sentido, com relação ao que é local, precisamos distinguir duas perspectivas: uma externa e uma interna. Esse título só pode ser dado a partir da perspectiva externa. Da perspectiva interna, o local não é local e sim uma visão completa de mundo (novamente, o horizonte fenomenológico) e com isso, um mundo em si mesmo. Seguindo esse raciocínio, temos que rejeitar duas ideias comuns sobre a relação entre o local e o global. Primeiramente, ao contrário do que a distinção entre inteiros e partes nos leva a pensar, o local não está contido no global; ao invés disso, aquele é tão grande quanto este último e por isso deve ser posicionado ao lado dele, já que ambos nos mostram o mundo inteiro. Na

verdade, ambos nos mostram o mesmo mundo: a sociedade. Além disso, diferentemente do que as várias formas de integração implicam, o local e o global não se fundem ou misturam. Essa confusão pode ser causada pelo fato da sociedade sempre poder ser descrita de formas diferentes. Cientistas sociais reagem a essa situação tentando incluir todas as descrições da sociedade em uma única estrutura coerente. Mesmo assim, isso apenas produz resultados pobres, vez que tal estrutura acaba nunca sendo coerente. Novamente, os cientistas sociais tentam contornar essa dificuldade alegando que as ambiguidades são partes intrínsecas da realidade atual. Para aqueles que pretendem observar como outros observadores continuam as suas observações (e auto-observações), isso não é muito convincente. Por exemplo, não está claro se aqueles, os quais os cientistas sociais querem chamar de híbridos, se definem como tal.³¹ Eu acredito que exista uma melhor solução para considerar a relação entre global e local (nomeadamente, entre as várias descrições de sociedade). De forma simples, eu sugiro introduzir o tempo como uma variável. Dessa forma, no tempo e, contrariamente à terceira definição mencionada na introdução, global e local jamais se encontram cara-a-cara; *ao invés disso, elas se alternam*.

Existem várias descrições que podem ser usadas por um observador para dar sentido ou uma forma à realidade. Além disso, descrições são parecidas com pontos de vista, na medida em que as diferentes descrições podem nos mostrar um mesmo objeto enquanto descrevem diferentes significados para ele. Nesse sentido, existem objetos cuja observação é permitida pela globalização (enquanto ponto de vista) e, também podem ser observados de outro ponto de vista. Apesar do significado desses objetos variarem de uma descrição para outra, eles não têm mais de um significado ao mesmo tempo. Isso ocorre devido ao fato de que nenhum observador consegue incorporar todos os pontos de vista simultaneamente. Verifica-se que a multiplicidade de descrições, perspectivas e significados não se revelam em um momento particular no tempo (isto é, instantaneamente), mas através do tempo (através de uma série de eventos consecutivos). Enquanto a corrente de eventos continua a se estender, uma chance (ou risco) surge da oscilação de um lado da distinção global/local para o outro. Na verdade, observar sistemas periodicamente revisa as operações de observações que eles previamente produziram. Nesse sentido, os valores dados aos objetos no mundo são ocasionalmente invertidos: os objetos globais se tornam locais e vice-versa. Consequentemente,

31 Jan Nederveen Piertese, "Globalization as Hybrid-ization." In *Global Modernities*, ed. Mike Featherstone, Scott Lash and Roland Robertson (London: Sage Publications, 1995), 45–68.

os objetos adotam alternativamente um valor e outro, mas em nenhum momento um objeto pode ter os dois valores simultaneamente.

Uma análise sobre globalização e região antes da conclusão. Apesar de haver uma tendência de se pensar assim, as regiões não são irreduzíveis para o que é global e o que é local. No contexto que conhecemos, o fenômeno pode ser global ou local; não existe outra possibilidade. Nesse sentido, o conceito de região não pode ser aceito como um terceiro termo. Por outro lado, podemos conceber perfeitamente coisas como regiões globais e regiões locais; mas do contrário, na perspectiva da globalização – considerando que globalização é exatamente isso: uma perspectiva – entidades potenciais como “fenômeno regional” são dispensadas. De que forma? Em muitos casos, em uma observação mais detalhada, “fenômenos regionais” são na verdade oferecidos explicitamente ou retratados implicitamente em oposição aos globais. Como resultado, um “fenômeno regional” deve ser entendidos como um sinônimo de “fenômeno local” de modo que a lógica de nossos argumentos se reafirma. Nós não desejamos sugerir que há algo fundamentalmente errado com a região enquanto um conceito de pesquisa. Novamente, é perfeitamente possível falar sobre regiões; mas tudo que é distinguido, deve sê-lo de algo, de modo que nós não podemos fazer nada, senão trabalhar com códigos binários ou recursos bivalentes. Trios como formas elementares (como por exemplo, local-regional-global ou local-nacional-global) são rejeitados nesse sentido. Ainda, deve estar claro que tudo isso está relacionado à globalização enquanto uma autodescrição específica da sociedade. Nesse sentido, pode-se sugerir que região pertence à autodescrição difere da globalização (talvez *Gemeinschaft 2* a qual presumidamente se articula em torno da distinção entre universal e particular).

CONCLUSÃO

■ Em seu livro sobre o sistema dos meios de comunicação, Luhmann afirma que:

“A mídia decide o que vai transmitir e por isso precisa distingui-lo. Por exemplo, ela informa as pessoas sobre escândalos e ao fazê-lo, precisam propor que comportamentos não escandalosos também teriam sido possíveis. Contudo, o que não está sendo refletido aqui, é que se pode propor a seguinte questão (por um sociólogo) por que motivo algo está sendo observado no plano escandaloso/não escandaloso [...]”³²

32 Niklas Luhmann, *The Reality of the Mass Media* (Stanford: Stanford University Press, 2000), 118.

O que explicamos neste artigo sobre distinção global/local é essencialmente equivalente ao que diz Luhmann sobre os escândalos. Vou reafirmar as minhas ideias centrais. Para começar, existe uma conexão entre o sistema de sociedades na forma como é entendido por Niklas Luhmann e o mundo, não no sentido de planeta terra e som de horizonte fenomenológico, com o qual está associado. Essa conexão se dá na seguinte forma: a sociedade equivale ao mundo, pois constitui o referido horizonte fenomenológico; nesse sentido, qualquer declaração que vise descrever o mundo – como por exemplo “nós vivemos em um mundo globalizante” – descreve a sociedade pela mesma lógica; conseqüentemente, surge a ideia de que a globalização deve ser interpretada como sendo uma autodescrição da sociedade contemporânea ao invés de como processo social de mudança. Apesar disso, a globalização não aparece somente como uma autodescrição disponibilizada na comunicação social; a distinção entre global/local forma-se como um reflexo acerca da relação entre as muitas autodescrições da sociedade. Isto tudo se encontra de acordo com a ideia da globalização como conteúdo específico e enquanto uma potencial autodescrição da sociedade. Nessa autodescrição, o mundo (o sistema de sociedade) está descrito como tendo sido determinado por redes e fluxos que atravessam fronteiras. Quando a globalização é escolhida como a melhor descrição de todas, dentre um contexto particular, as demais descrições são inversamente consideradas “com defeito”; isso ocorre pois elas não parecem concorrer com os eventos em andamento de modo que passam a ser rotuladas como locais por defeito.

Além disso, a relação entre as várias autodescrições da sociedade podem ser mais exploradas a partir das ideias de Roland Robertson. Ele fala de globalização como estruturação do mundo como um todo. Esse processo pode ter diferentes direções, tão diferentes quanto as diferentes visões de mundo puderem impulsionar. O próprio Robertson identifica quatro visões de mundo, de modo que no final, sua proposição fundamental pode ser formulada como X: {a, b, c, d}, na qual X representa a estruturação do mundo (ou globalização), enquanto a, b, c e d representam as várias visões de mundo. Sabendo que o mundo se refere à sociedade em si (seguindo o argumento acima), eu dou as mesmas definições alternativas variáveis. Em primeiro lugar, X indica a atividade genérica de descrição da sociedade. Em segundo lugar, a globalização se torna uma forma de atingir tal objetivo dentre outros (uma letra dentre as quatro outras contida no conjunto inteiro). O leitor deve manter em mente que as descrições da sociedade são parte do sistema que eles presumidamente descrevem, considerando que elas têm necessariamente que ser produzidas através de operações de comunicação. Nessas condições in-

quietantes, separar as boas descrições das ruins, parece ser muito problemático. As diversas imagens da realidade não podem simplesmente serem postas lado a lado com a realidade em si. A saída é confrontar as várias imagens umas com as outras. Como Robertson verdadeiramente nos mostra, temos várias possíveis imagens do mundo e a globalização é, em última análise ponderada contra elas.

Pode-se dizer que o que é global e o que é local não tem realidade, um sociólogo, ou seja, como um observador de segunda ordem. Contudo, observo que o global e o local são muito reais para o sistema de sociedade, enquanto que a sociedade, por sua vez, é real para um sociólogo, pois ele é o observador que ele ou ela deseja observar. Reconhecidamente, o método que eu defendo (método de Luhmann) não ajuda as pessoas (experts ou leigos) a lidarem “mais efetivamente” com suas vidas ou com o trabalho que eles têm que fazer (reduzindo “custos de operações” por exemplo). Ao invés disso, esse método visa abrir espaço para mais complexidade nas descrições científicas. E com relação à pesquisa no futuro? Como estudar globalização quando substituírmos as observações de primeira e segunda ordem? Podemos começar buscando novas situações sociais específicas nas quais a descrição da sociedade surja de fluxos comunicativos. Podemos então examinar como as várias autodescrições são disseminadas dependendo dos requerimentos práticos de cada situação. Como ilustração, podemos pensar nas propagandas universitárias para recrutamento de novos alunos; nesse caso, o que chamamos de situação social é criada na medida em que várias universidades se voltam ao mesmo público. Em suas campanhas de propaganda, as universidades fazem declarações sobre si mesmas e sobre a sociedade como um todo, a fim de convencer seu público alvo, de seus respectivos valores enquanto instituições de ensino superior. Como os alunos em potencial ou futuros clientes ainda não fazem parte das universidades, estas últimas devem se posicionar na sociedade em geral se quiserem atingir os primeiros. Nesse sentido, estamos lidando com uma configuração triangular feita a partir das organizações universitárias, a população ou público alvo e a sociedade como um todo. Claro que existem inúmeras diferenças entre as universidades (tamanho, localização, história, programas, etc.) e não podemos presumir que todas se vendem da mesma forma. Mas é justamente por essa razão que podemos esperar que as universidades deem testemunhos divergentes à sociedade a fim de atingir seus objetivos (isso nos leva de volta à metáfora do espaço e dos locais, ou seja, a multiplicidade de locais, cada qual refletindo de uma forma, o espaço comum do qual todos fazem parte). Algumas universidades tentam atrair estudantes convidando-os a contribuir para atingir algum tipo de objetivo universal de grande importância, como a produção do conhecimento

científico ou o desenvolvimento social da humanidade. Ao fazer isso, essas universidades promovem a autodescrição da sociedade, a qual chamamos, nos termos de Robertson, de *Gemeinschaft* 2. Outras universidades optam por se apresentar em relação ao Estado-nação ao qual pertencem; por exemplo, a Universidade de Ottawa é a universidade do Canadá. Essa outra estratégia denota a autodescrição que chamamos de *Gesellschaft* 1. Por fim, existem universidades que se descrevem como instituições globais ou centros de pesquisa, logo, repercutem a autodescrição a qual nomeamos como *Gesellschaft* 2, outrora reconhecida como a própria globalização, conforme explicado neste artigo. A comparação dentre essas várias universidades, é capaz de mostrar como a globalização se expande pela sociedade e sob quais condições.

JEAN-SÉBASTIEN GUY leciona teoria sociológica no Departamento de Sociologia e Antropologia Social na Universidade de Dalhousie. Um de seus focos de pesquisa é a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. Ele publicou um livro (em francês) oferecendo uma nova interpretação teórica de globalização intitulada *L'idée de la mondialisation* (Montréal: Liber, 2007).

BIBLIOGRAFIA

Arjun Appadurai, *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996).

Dirk Baecker, *Form and Forms of Communication* (original version in German *Form und Formen der Kommunikation*) (Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2005).

Zygmunt Bauman, *Globalization: The Human Consequences* (New York: Columbia University Press, 1998.)

Ulrich Beck, *What is Globalization?* (Cambridge: Polity Press, 2000).

Peter Beyer, *Religion and Globalization* (London: Sage Publications, 1994).

Jorge Luis Borges, *The Aleph and Other Stories*, ed. Andrew Hurley (New York: Penguin Classics, 2004).

Manuel Castells, *The Rise of the Network Society* (*The Information Age*, vol. 1) (Malden & Oxford: Blackwell, 1996).

Manuel Castells, *The Power of Identity* (*The Information Age*, vol. 2) (Malden & Oxford: Blackwell, 1997).

Anthony Giddens, *The Constitution of Society* (Berkeley: University of California Press, 1984).

Anthony Giddens, *Consequences of Modernity* (Cambridge: Polity Press, 1990).

Anthony Giddens, *Modernity and Self-Identity* (Cambridge: Polity Press, 1991).

Jean-Sébastien Guy, *L'idée de la mondialisation: Un portrait de la société par elle-même* (Montréal: Liber, 2007).

Jean-Sébastien Guy, "The Name 'Globalization': Observing Society Observing Itself". In *Observado Sistemas 2*, ed. Ignacio Farias & Jose Ossandon. (Mexico: Universidad Iberoamericana, Forthcoming).

David Held, Anthony McGrew, David Goldblatt and Jonathan Perraton, *Global Transformations: Politics, Economics and Culture* (Stanford: Stanford University Press, 1999).

David Held and Anthony McGrew, ed. *Global Transformations Reader: An Introduction to the Globalization Debate* (Cambridge: Polity Press, 2000).

David Held and Anthony McGrew, *Globalization/Anti-Globalization: Beyond the Great Divide* (Cambridge: Polity Press, 2007a).

David Held and Anthony McGrew, *Globalization Theory: Approaches and Controversies* (Cambridge: Polity Press, 2007b).

David Held and Ayse Kaya, ed. *Global Inequalities: Patterns and Explanations* (Cambridge: Polity Press, 2007).

- David Held, *The Condition of Postmodernity* (Malden & Oxford: Blackwell, 1990).
- Robert J. Holton, *Globalization and the Nation-State* (Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Macmillan Press, 1998).
- Niklas Luhmann, *Ecological Communication* (Chicago: Chicago University Press, 1989).
- Niklas Luhmann, *Essays in Self-Reference* (New York: Columbia University Press, 1990).
- Niklas Luhmann, *Social Systems* (Stanford: Stanford University Press, 1995).
- Niklas Luhmann, *The Reality of the Mass Media* (Stanford: Stanford University Press, 2000).
- Niklas Luhmann, *Theories of Distinction*, ed. William Rasch (Stanford: Stanford University Press, 2002).
- Anthony McGrew and Paul Lewis, *Global Politics: Globalization and the Nation-State* (Cambridge: Polity Press, 1992).
- John W. Meyer, John Boli, George M. Thomas and Francisco O. Ramirez, "World Society and the Nation-State." *The American Journal of Sociology*, 103, 1 (1997): 144–181.
- George Modelski, *Principles of World Politics* (New York: Free press, 1972)
- Jan Nederveen Piertese, "Globalization as Hybridization." In *Global Modernities*, ed. Mike Featherstone, Scott Lash and Roland Robertson (London: Sage Publications, 1995), 45–68.
- Roland Robertson, *Globalization, Social Theory and Global Culture* (London: Sage, 1992).
- Roland Robertson, "Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity." *Global Modernities*, ed. Mike Featherstone, Scott Lash and Roland Robertson (London: Sage Publications, 1995), 25–45.
- Claude E. Shannon and Warren Weaver. *The Mathematical Theory for Communication* (Urbana, Illinois: University Press, 1963).
- Urs Staheli, "The Outside of the Global." *The Centennial Review*, 3, 2 (2003): 1–22.
- John Tomlinson, *Globalization and Culture* (Chicago: University of Chicago Press, 1999).
- Bryan S. Turner, "The concept of the 'world' in sociology." In *Orientalism, Postmodernism & Globalism* (London & New York: Routledge, 2004).
- Heinz Von Foerster, *Understanding Understanding* (New York: Springer, 2003).
- Sari Wastell, "Presuming Scale, Making Diversity: On the Mischief of Measurement and the Global: Local Metonym in Theories of Law and Culture." *Critique of Anthropology*, 22, 2 (2001): 185–210.
- Malcolm Waters, *Globalization* (first edition) (London: Routledge, 1995).
- Paul Watzlawick, Janet H. Beavin and Don D. Jackson, *Pragmatics of Human Communication* (London: Faber, 1968).
- Rob Wilson and Wimal Dissanayake, ed. *Global/local. Cultural Production and the Transnational Imaginary* (Durham and London: Duke University Press, 1996).